



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 7, v. I | maio-out. 2017

p. 157-178.

“Mal amadas”, “porcas”, “feminazis”, “sujas”, “xanatuzeis”, “nojentas” e “xontuzeis” – análise dos discursos de ódio sobre a performance *Pelos pelos* pelos e seus desdobramentos

Alexandra Martins Costa¹

RESUMO: O presente artigo é uma análise quanti qualitativa dos discursos de ódio sobre a performance *Pelos pelos* (2013), realizada pela coletiva Tete a Teta. A ação consiste em duas mulheres unidas pelos pelos pubianos e que andam pelo centro da cidade em um horário de grande movimentação. Os registros dessa performance se tornaram *memes* de um perfil antifeminista no Facebook, que tem como propósito satirizar esse movimento social. A partir da repercussão desse material foram contabilizados 394 comentários de ódio que servem como base para produção do presente artigo. Os discursos de ódio que aqui mostramos servem para desqualificar as mulheres. Desejamos voltar antes, ir na contracorrente, fazer o trajeto contrário: analisar essas falas para qualificar ainda mais o discurso e o debate feminista. E é sobre isso que desejamos nos esparramar, invocar, debruçar, remexer e cutucar.

PALAVRAS-CHAVE: Performance; Feminismos; Artivismo; Lesbianidades.

Abstract: The present paper is a quantitative and qualitative analysis of hate discourses about the performance named *Pelos pelos* (2013), carried out by the collective Tete a Teta. The act consists in two women united by their pubic hair who walk through a city's downtown during busy hours. The records of this performance have become memes at an antifeminist profile on Facebook, which has the purpose of satirizing this social movement. From the repercussion such material has obtained, 394 hate comments were recorded and serve as a foundation for the production of the current paper, while the hate speech presented here by us has the purpose of disqualifying women. We intend to return beforehand, to go countercurrent, to walk on the opposite route: to analyze these words in order to further qualify the feminist discourse and debate. And this is what we want to spread ourselves on, to evoke, to dwell on, to stir up and poke.

Keywords: Performance; Feminisms; Artivism; Lesbianities.

Resumén: El presente trabajo es un análisis cuantitativo y cualitativo de los discursos de odio sobre la acción artística *Pelos pelos* (2013), del colectivo Tete a Teta. El acto consiste en dos mujeres unidas por su vello púbico que caminan por el centro de una ciudad. Los registros de esta acción se han convertido en *memes* en un sitio antifeminista en Facebook, que tiene el propósito de satirizar ese movimiento social. Desde ha obtenido la repercusión dicho material, 394 comentarios de odio se registraron y sirven de base para la elaboración del documento actual, mientras que el discurso de odio que aquí se presenta por nosotras tienen el propósito de descalificar a las mujeres. Tenemos la intención de regresar de antemano, de pasar a contracorriente, de caminar por el camino opuesto: analizar estas palabras para calificar aún más el discurso y el debate feminista. Y esto es lo que queremos esparcirnos, evocar, detenernos, despertar y empujar.

Palabras clave: Performance; Feminismos; Artivismo; Lesbianas.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher da Universidade Federal da Bahia. Integrante da Feminaria Musical: grupo de pesquisa e experimentos sonoros. E-mail: alexandra.fotografia@uol.com.br

Recebido em 06/03/17

Aceito em 01/05/17

*Ela vem pra fazer barulho / E pra dizer, que com satisfação / Queiram ou não queiram / Os machinhos / Racha com racha /
É uma grande opção / E se aqui estamos cantando essa canção / Viemos defender nossa orientação / E dizer bem alto que o machismo dói / Nós somos rachinhas de lei / Que macho não rói
(Ou Vai ou Racha, 2014)²*

i) Das ruas para a rede

O presente artigo é uma análise dos discursos de ódio mencionados no Facebook sobre a performance *Pelos pelos*³, realizada pela coletiva Tete a Teta⁴, composta por duas lésbicas que cultivam os Pelos das pernas, bucetas e axilas assim como plantas em um jardim. Textura do corpo, cheiro de terra, composto por duas pessoas vindas de diferentes vivências e que têm em comum o interesse por desenvolver performances e intervenções urbanas mesclando diversas áreas de conhecimento e auto-etnografia em suas buscas poéticas e políticas. No entanto, em suas individualidades, elas se encontram: uma possui armadura de signo água, corrente de pensamentos ansiosos, racha, lésbica, sapata, racializada, colecionadora de paisagens e bugigangas da rua, escreve *desde el sur* em letras nordestinas da latinoamérica. Enquanto a outra é canceriana de mangue cósmico, sapatão, gorda, delirantemente ansiosa, gateira, pesquisadora das palavras e suas combinações (im)possíveis.

Duas mulheres unidas pelos Pelos pubianos andando pelo centro de Brasília, num horário de grande movimentação. Ação. Causando burburinhos, olhares estranhos e uma multidão curiosa que se propõe a seguir esse corpo estranho, a ação toma outros contornos com uma repercussão na internet. Na ocasião houve um ataque virtual contra essa performance na qual membros da rede social compartilharam registros da ação com teor de crítica e desqualificação.

Essa ação foi realizada durante o evento *Corpo, performance e política*, em 2013, e se iniciou dentro da vitrine de uma galeria de arte contemporânea, num centro comercial da cidade. Era meio-dia quando:

Corpos pelados estão expostos numa vitrine: duas mulheres. Uma terceira habilidosamente e carinhosamente começa a aplicar mais cabelos aos pelos pubianos, estendendo-os até que um seja capaz de se amarrar ao outro. A sala cheia de entulho, pela ação se assemelha também a uma sala de cirurgia. O processo está ali e é tudo. (COSTA, Alexandra Martins; BRITES, Mariana, 2015, p.1)

² Paródia da música *Madeira do Rosarinho*, de Capiba. Composta pelo bloco lésbico de carnaval Ou Vai Ou Racha, de Pernambuco. <https://www.facebook.com/ouvaiourachaja> Acessado em 04 de mar de 2017.

³ Para assistir o registro audiovisual da performance, acessar o site: <https://vimeo.com/70700839>. Acessado em 31 de dez de 2016.

⁴ Para acessar site da coletiva, clique em: <https://www.facebook.com/tete.a.teta>. Acessado em 31 de dez de 2016.



Após a amarração entre os pelos de cada uma, feita habilidosamente por Ana Paula Quintanilha, saímos na rua por onde caminhamos por cerca de uma hora no Setor Comercial Sul. Durante a ação ouvíamos muitos comentários sobre nosso corpo estranho que estava ali. Não conversávamos com ninguém, mas encarávamo-nos:

Ouvíamos muitas vozes masculinas e poucas femininas. Os homens nos pareceram ser aqueles que mais se sentiram à vontade para expressar qualquer opinião sobre nossos corpos. Em alguma medida porque acabam sendo criados para terem mais liberdade no espaço privado e no público, mesmo que seja sobre outros corpos. (COSTA, Alexandra Martins; BRITES, Mariana, 2015, p.2)

Percussão, tambor, coração. Pulsa de dentro, vaza. As re-percussões ferem como lanças digitais. Perfuram, sangram *bytes*. Mas olho e busco dentro da ferida ainda aberta conexão íntima. Seguimos, na rua re-existimos.

Passados três anos, a performance volta a ser alvo de comentários na rede social, no entanto, a partir de um perfil falso chamado *Jessicão, a feminista*, que possui um teor antifeminista ao se utilizar de alguns dos registros fotográficos pessoais como *memes*⁵ e satirizar qualquer imagem que tenha relação com o empoderamento das mulheres, sempre a partir de piadas ou desprezo. Veja imagens a seguir:



Jessicão, a feminista

Mais união.
Menos opressão.
#Sororidade

Fotos da Linha do Tempo · 30 de junho às 20:50 · 🌐

Ver no tamanho original · Mais opções

Imagem 1. Primeiro meme utilizado no site

⁵ Meme é um produto conhecido e utilizado nas redes sociais. Refere-se ao fenômeno de "viralização" de uma informação (vídeo, imagem, frases e entre outras linguagens) que se espalha entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade.





Imagem 2. Segundo meme utilizado no site

Os discursos de ódios que aparecem a partir da repercussão da *Imagem 1* e *Imagem 2* não apenas atingem individualmente a nós que nos colocamos em exposição. É um ataque contra todas as lésbicas, caminhoneiras, *dykes*, *fanchonas*, *tortilleras*, *tortas*, *rachas*, *peludas*, *gordxs*, *sudacas*, *abjetas*, *sujeitas dissidentes sexuais* e de gênero, *crips* e *queer* que insistem e (re)vivem em transitar suas existências na cidade, local de constante vigilância e demarcação. Dependendo do local onde esses corpos estão, a “*iteração*”⁶ (MEDEIROS, 2013) ganha diversos contornos, pois é no espaço público que acontecem as políticas do invisível que tecem o cotidiano:

Pois, assim como os curadores de arte que se utilizam de regras institucionais e comerciais para decidir o que será visto e o que não pode ser visto dentro de uma galeria. No espaço urbano, a polícia acaba servindo como uma espécie de “curador de arte da rua” ao se utilizar do seu poder de decisão para definir os lugares onde os acontecimentos devem se dar. Neste quadro, a polícia tem papel primordial ao coreografar e ditar quais corpos estão legitimados para existir e permanecer na cidade. (COSTA, 2015, p. 70)

⁶ A iteração é a manobra da arte que convida o ex-espectador a se tornar participante, no caminho do processo, se juntar a ele. Essa frase é um duplo-pleonasma: “iter” é caminho, processo. Esta arte deixa-se acariciar, tocar-se, machucar-se na ação dos presentes neste caminhar.”



E foi por meio de uma marcação em uma dessas postagens cheias de comentários que tomamos conhecimento da existência desse material. Ao ter acesso ao conteúdo, logo começamos a fazer uma coleção dessas mensagens e acompanhar algumas discussões sem nos identificar ou tomar partido contrário aos comentários que estavam surgindo porque nos interessava guardá-los para transformar tudo em objeto de análise. Também sabíamos que estávamos em um campo minado e qualquer discurso diferente daquele que estava aparecendo logo ia ser retirado do canal ou sofreríamos algum ataque virtual.

Se, em 2013, a coletiva Tete a Teta se utilizou de alguns dos comentários para criar outro texto sobre a performance, dessa vez criamos a partir de uma escrita coletiva involuntária (não avisada), de autoria compartilhada entre pessoas de vários locais, misturadas pelas notícias encontradas na rede virtual⁷. Agora, em 2016, a nova estratégia era de guardar essas falas e analisar os comentários inclusive para criar conteúdo a partir disso. Quer dizer, enquanto os comentários que aqui aparecem surgem para desqualificar as mulheres, desejamos voltar antes de ir, contracorrente, fazer o trajeto contrário: analisar essas falas para qualificar ainda mais o discurso e o debate feminista. Inclusive para mostrar o quanto esse tipo de comentários é falacioso e o quanto as propostas estéticas podem ser uma articulação entre o político e o poético tão potente ao ponto de incitar comentários diversos sobre o registro da ação.

ii) Da rede para a rua

A blogueira feminista Jéssica Ipólito passou por um ataque virtual ao receber mensagens de ódio ao ponto de ter sua página fechada. Alguns dias antes da agressão, em sua página pessoal, a blogueira postou uma foto seminua. Jéssica é negra, gorda e lésbica. E isso parece incomodar muitas pessoas que não conseguem lidar com a autoestima de mulheres negras:

Acontece que não estou sozinha nessa. Aconteceu comigo e pode acontecer com outra mana que resolver postar uma foto semi nua na internet, porque mulheres amando seus corpos é um verdadeiro ataque ao patriarcado&CIA, prova disso são esses homens se rebelando com tamanha voracidade afim de destruir nossa auto-estima, como se já não bastasse uma sociedade todinha moldada pra fazer isso. (IPÓLITO, 2016)

⁷ Ler o texto coletivo no artigo *Fuleragem e falta de vergonha na cara: relato de experiência da performance Pelos Pelos*. Apresentando durante o IV Seminário Enlaçando Sexualidades, 2015, Salvador – BA. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/2015/07/08/anais-iv-seminario-enlacando-sexualidades-2015/>. Acessado em 31/12/2016.



Como resposta, Jéssica não se silenciou e escreveu um relato sobre o que lhe aconteceu e fez com que a discussão sobre gordofobia se tornasse mais latente e causou a comoção em várias pessoas que publicamente se demonstraram contrárias ao ataque porque “*politizar la herida, visibilizar la cicatriz, narrar el dolor y transformarlo en placer, correr los límites, son algunas de las tácticas escriturales y experienciales que recorren estas palabras de peso*” (MISSOGINA, 2014, p.11).

O ataque virtual contra as propostas artísticas contemporâneas tem sido bastante recorrente. Com perfis falsos (PF), as pessoas se escondem no anonimato que os protege de se comportar de forma que não aconteceria pessoalmente ou no próprio perfil pessoal. A prática do anonimato para abordar terceiros, por meio de uma personagem fictícia, também é conhecida como conta anônima ou *fake* (falso). Em 2015, durante o II Seminário Internacional Desfazendo Gênero, que aconteceu em Salvador, o performer Miro Spinelli apresentou a performance *gordura trans #3/ gordura localizada #1*:

O primeiro, o corpo de Miro Spinelli, branco, cabelo raspado, nu, gordo, com seios e barba expressivos. O segundo elemento é o que despejará sobre si. De pé, verte, começando pelo topo da cabeça, uma a uma, cinco garrafas de azeite de dendê. E deixa escorrer. Passa a mão nos olhos, tirando um pouco do excesso. Após esvaziar as garrafas se senta e olha a plateia. A ação ocorre no espaço público. (BASTOS BACELLAR, 2016, p.71)

Após a divulgação dos registros dessa ação na página do evento no Facebook, vários *memes* e montagens começaram a ser criados e circulados nas redes sociais e, assim como *Pelos pelos, gordura trans #3/ gordura localizada #1* passou por um ataque virtual. As novas imagens que surgiam estavam carregadas de comentários gordo/transfóbicos e misóginos. Como resposta, Miro guardou esse material e disponibilizou numa plataforma digital⁹ com outras documentações pessoais dessa mesma ação que nomeia como *intervenções anônimas*. No ano seguinte, ele realizou uma exposição com fotografias e textos que expõem os comentários realizados sobre sua performance.

Dentro do campo das artes, em campo expandido à vida, é possível analisar as intersecções das opressões quando se prioriza as ligações entre os marcadores sociais da diferença. Assim visibilizamos a simultaneidade de determinantes de opressão que recaem sobre a ação que apresentamos. O reconhecimento dessa série de tiranias tem aparecido como elemento de uma produção poética, em que se busca uma proposta alternativa à invisibilidade e ao silenciamento de povos e comunidades, pois as “representações artísticas devem guardar consigo o ato de resistir, de

⁸ Pensando na vulnerabilidade dos canais de comunicação virtual, a Universidade Livre Feminista sugere a leitura do site Protestos.org onde se encontram dicas de segurança para a utilização de uma rede mais segura. Disponível em: <https://protestos.org/category/oficinas>. Acessado em 20/02/2017.

⁹ Disponibilizado em <http://gordura-trans.tumblr.com>. Acessado em 20/02/2017.



descobrir, provocar e inventar outra resistência e de criar linhas de fuga que abram brechas nas territorialidades fechadas e dominadas” (SEGURADO, 2007, p.56) capazes de propor novos meios e linguagens de dimensão poética.

O texto-resposta-desabafo de Jéssica Ipólito sobre tirania das palavras sobre seu corpo; a redistribuição dos comentários de ódio acerca do corpo de Miro Spinelli, assim como o presente exercício de produzir academicamente e poeticamente sobre nossas feridas são tentativas de escapar do sangue que escorre pela pele, pelos Pelos; de (re)configurar o discurso de ódio e aprender a se defender com nossa própria fragilidade. E, assim, sugerir outras formas de lidar com a distribuição da violência se utilizando de:

ferramentas que somente uma corporalidade e subjetividade capaz de habitar a fragilidade consegue desenvolver. Autodefesa não é só sobre bater de volta, mas também sobre perceber os próprios limites e desenvolver táticas de fuga, para quando fugir for necessário. É também sobre aprender a ler as coreografias da violência e estudar modos de intervir nelas. É sobre furar o medo e lidar com a condição incontornável de não ter a paz como opção. (MOMBAÇA, 2016, p.14)

Os exemplos mostrados acima não são agressões gratuitas por meio de um ataque virtual com propósito de incomodar ou diminuir quem se expõe nas redes. Mas é um ataque que desvenda uma teia de pensamentos misóginos, lesbofóbicos, racistas, gordofóbicos e machistas. Trata-se de um projeto de brutalização dos corpos que cumpre uma pauta de supremacia neocolonial, hetenormativa, de hegemonia branca sexista. Essa pauta é muito bem articulada por pessoas que se instrumentalizam contra um posicionamento político específico para desqualificar os avanços sociais conquistados nesses últimos anos.

iii) ~~Análise da amostragem~~ ou Novos ataques, velhos discursos

Ao todo, foram computados 104 *prints* que foram guardados e coletados entre agosto e novembro de 2016. Sendo que os dois *memes* foram postados nos dias 17 e 30 de junho, respectivamente, do mesmo ano, contabilizando 394 comentários em sua grande parte advindos de discursos e palavras de ódio.

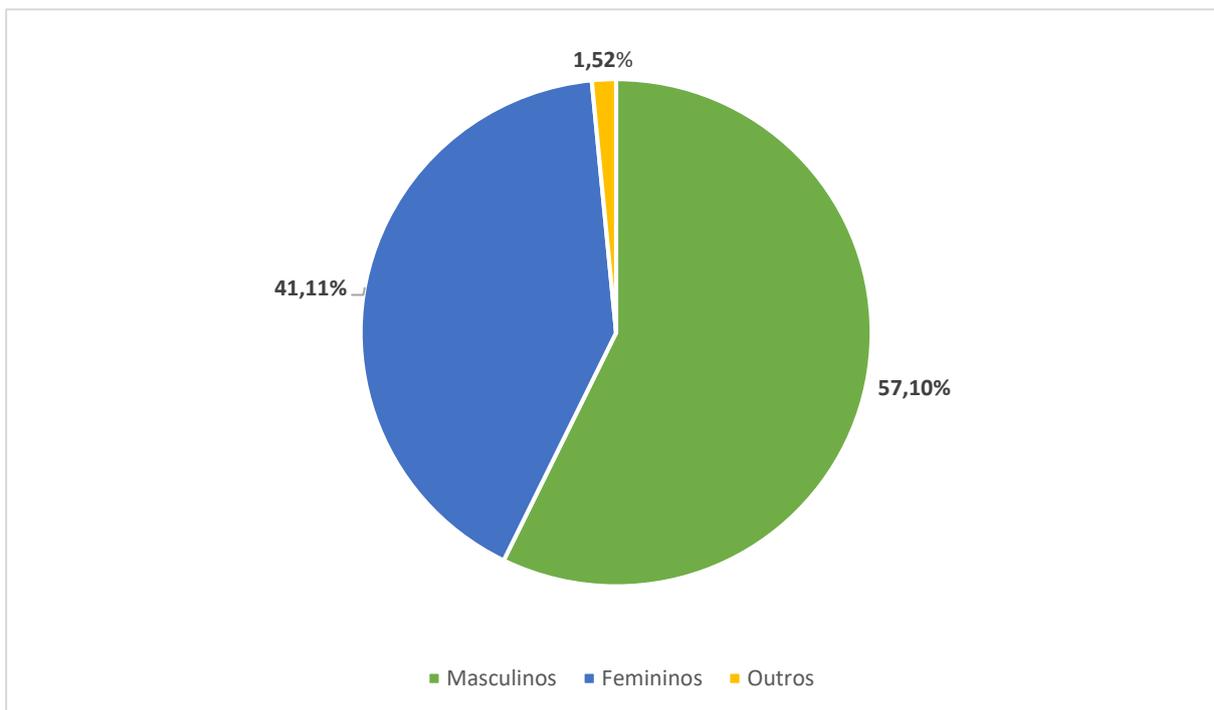
Para efeito de organização e levando-se em consideração a possibilidade de haver perfis falsos dentre os comentários analisados, decidi separar essas falas em categorias que levam o nome *Perfis cujos nomes são socialmente reconhecidos como masculinos* ou *Perfis cujos nomes são*



socialmente reconhecidos como femininos. A distinção foi feita para compreender quais os focos mais relevantes dos perfis masculinos em detrimento dos perfis femininos. E, caso exista uma grande disparidade, verificar onde ela se encontra. Quando, por ventura, aparecia um perfil que não fosse de nome social – nesse caso vale nomes de apelidos ou nomes fantasias – eles foram categorizados como *Outros*.

É importante ressaltar que não foi realizado uma comprovação prévia sobre a veracidade desses perfis nas redes sociais até pela impossibilidade de certificação. E por considerar que é mais interessante perceber o valor da palavra, como ela é adotada e por quem ela é adotada nos comentários analisados. Mesmo que se trate de um perfil anônimo, há uma carga simbólica nos usos e desusos de alguns termos, xingamentos e frases de ódio e há uma maior possibilidade de os comentários serem mais violentos, pois a pessoa já está resguardada por trás de uma máscara.

Em um contexto geral, como pode ser observado no gráfico a seguir, um pouco mais da metade dos comentários (57,10%) vai pertencer à categoria de *Perfis cujos nomes são socialmente reconhecidos como masculinos*. Enquanto uma quantidade próxima (41,11%) vai pertencer aos



Perfis cujos nomes são socialmente reconhecidos como femininos. Uma quantidade muito pequena (1,52%) foi categorizada como *Outros*.

No tocante ao conteúdo, todos os comentários foram lidos, nomeados e categorizados dentro dos seguintes blocos:



- *Bloco dos xingamentos*: comentários que expressem piadas, ironias, palavrões e chamados de raiva sobre as imagens;

- *Bloco da hetenormatividade compulsória*: comentários que tentam explicar a imagem a partir da “falta de marido”, “falta de sexo” ou “falta de pênis”. Também estão presentes comentários que fazem alusão sobre estrutura de um possível “casamento mal-arranjado” como forma de explicar a imagem;

- *Bloco das feministas em questão*: comentários que tentam explicar o que é o feminismo e para o que serve. Também estão presentes falas que vão deslegitimá-lo enquanto movimento ou categoria social;

- *Bloco dos pelos*: comentários sobre a suposta falta de higiene que haveria em mulheres que decidem expor e deixar os pelos crescerem. Assim como comentários higienistas e assépticos sobre a regulação do corpo da mulher diante dos padrões de beleza;

- *Bloco dos violentos*: comentários que aludem à violência física.

Uma última categoria criada foi “Outros”, que consiste em risadas, perguntas soltas, comentários sobre assuntos que não tinham a ver com a performance e a marcação de outras pessoas. Esses dados não entraram na tabulação final porque estamos mais interessadas em analisar os conteúdos que se dirigem diretamente aos *memes*.

Com as categorias e blocos definidos foi possível fazer uma segunda triagem, desta vez articulando-os com os conteúdos apresentados. Ver *Gráfico 2* e *Gráfico 3*:



PERFIS CUJOS NOMES SÃO SOCIALMENTE RECONHECIDOS COMO MASCULINOS

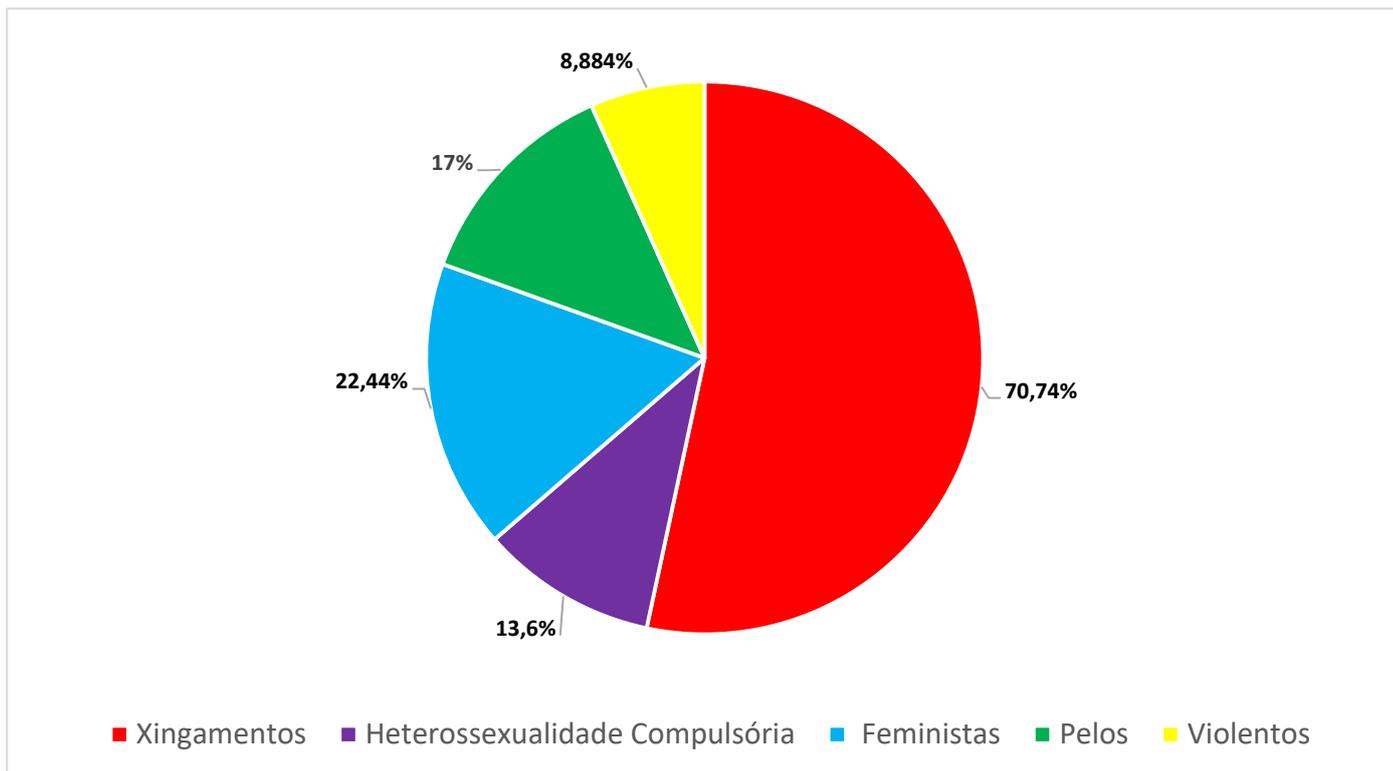
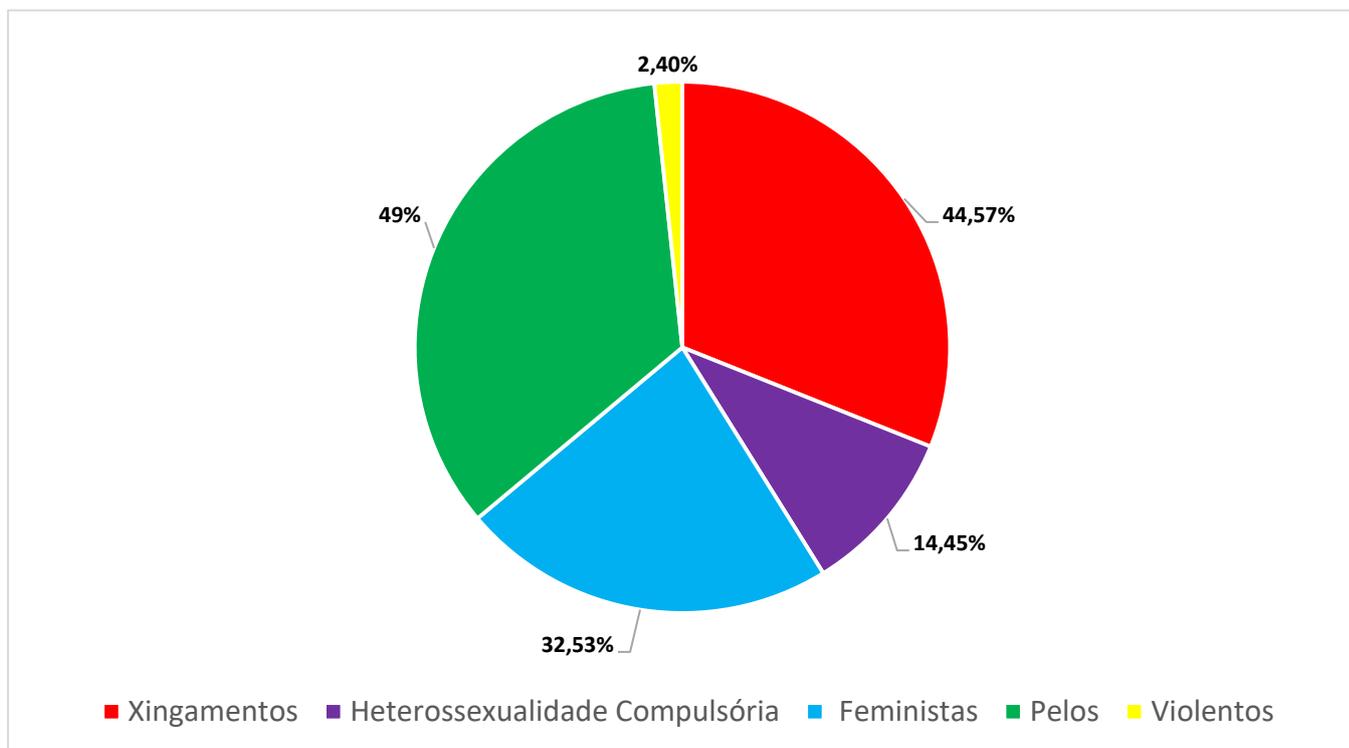


Gráfico 2

PERFIS CUJOS NOMES SÃO SOCIALMENTE RECONHECIDOS COMO FEMININOS



iv) ~~Bloco dos xingamentos ou~~ Essas frágeis masculinidades

Este bloco vai conter comentários que contiveram desde palavrões relacionados às personagens da imagem até zombarias e piadas sobre a ação. Esses e outros atos de fala presentes nesses *prints* mostram como o teor violento da palavra sobre os corpos pode reforçar os mecanismos de ajuste para se adequar as normas sociais. Essas mensagens não são inofensivas e nem deve ser analisadas como fatos isolados porque as palavras têm o poder de ferir, de reforçar estereótipos e atualizar discriminações. O ato de fala violento também é uma forma de violência que colabora com a manutenção de toda uma estrutura de violência que se retroalimenta nos discursos aqui apresentados.



Imagem 3

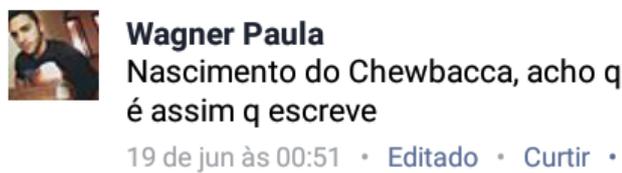


Imagem 4



Imagem 5



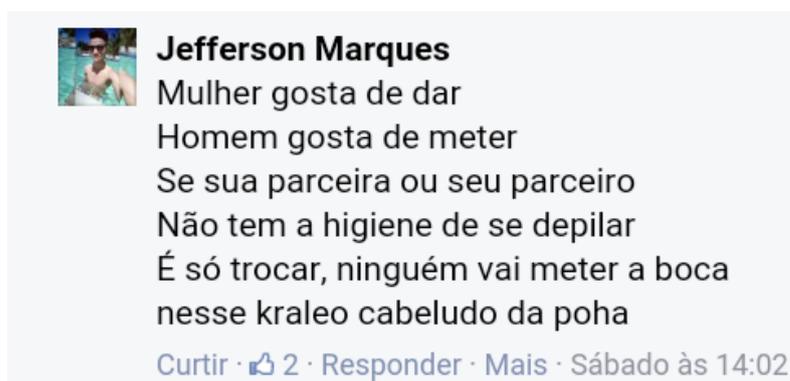


Imagem 6

O *bloco dos xingamentos* é aquele que atravessa todas as categorias nos dois perfis analisados. E talvez por isso tenha um peso significativo na contagem final e vai ocupar quase metade (44,45%) de comentários dos *Perfis cujos nomes são socialmente reconhecidos como femininos* e possua uma grande referência de análise de comentários nos *Perfis cujos nomes são socialmente reconhecidos como masculinos* (71,74%).

Tirando a categoria do *Bloco dos pelos*, que prevalece como maioria dentre os perfis femininos, em todas as outras categorias os comentários vindos de perfis masculinos vão aparecer em maior quantidade e com conteúdo mais agressivo. Na conjuntura dos comentários analisados, comumente os perfis masculinos vão exercer a violência de forma mais impositiva.

Essa masculinidade tóxica como projeto de poder é abordada no texto *Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência*, da monstx, não binária e nordestinx Jota Mombaça. No artigo, Jota discute como a violência masculina é uma arma transversal de normalização de gênero e controle social que afeta não apenas mulheres cis e corpos não-heterossexuais e trans, mas também os próprios homens cisgêneros (MOMBAÇA, 2016, p.6) que, numa tentativa de cumprir com as normas da masculinidade hegemônica, se tornam responsáveis pela manutenção do medo pela prática da violência.

Ela [a masculinidade hegemônica] incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (CONNELL, 2013, p. 245)

Segundo Kimmel (apud BENTO, 1999, p.46), o verdadeiro medo dos homens “não é o medo de mulheres, e sim o de se sentir envergonhado ou humilhado diante de outros homens, ou de ser dominado por homens mais fortes”.



v) ~~Bloco das feministas em questão~~ ou Eles acham que sabem tudo sobre feminismo

Ainda sobre o ranking de análise dos *Perfis socialmente reconhecidos como masculinos*, os comentários sobre o feminismo e xingamentos contra feministas (22,44%) vão aparecer em segundo lugar. E ainda dentro dessa conjuntura de análise, vai aparecer uma parcela de 15% que articula o feminismo com o nazismo através da criação da palavra “feminazi”:

Feminazi é um termo que mostra completa ignorância a respeito não só de feminismo e luta pelos direitos das mulheres, mas de conhecimentos básicos de história. Feministas foram perseguidas pelos nazistas, que tinham uma visão extremamente limitada: mulheres deveriam obrigatoriamente ser mães, portanto estudos superiores e creches foram limitados, e aborto e métodos contraceptivos foram proibidos. O discurso feminista de emancipação das mulheres foi atribuído aos judeus, aumentando os motivos para persegui-los. A política nazista é anti-feminista, como bem demonstrou Kate Millett (SEMÍRAMIS, 2010)

Vale pensar o quanto a existência desse termo, em sua grande parte repetido por perfis masculinos, é mais uma forma de violentar e silenciar as mulheres ao relacionar esse movimento social com um sistema da Alemanha que não tinha qualquer relação com a luta pelos direitos sociais. Na tentativa de sermos ouvidas, o “feminazi” aparece para deslegitimar qualquer expressão por reclamação de direitos, como pode ser observado nas Imagens 7, 8 e 9:



Romulo Duke

Aqui as feministas caem do cavalo mais uma vez. Argumento a) Se somos todas e todos iguais e a biologia “opressora” é mera construção social como que agora para favorecer as mentiras feministas o homem é mais forte?? Decidam-se, feminazi. O fato real é que homens e mulheres NUNCA serão iguais e que a maioria dos homens é mais forte mas NEM TODOS são mais fortes.

Imagem 7



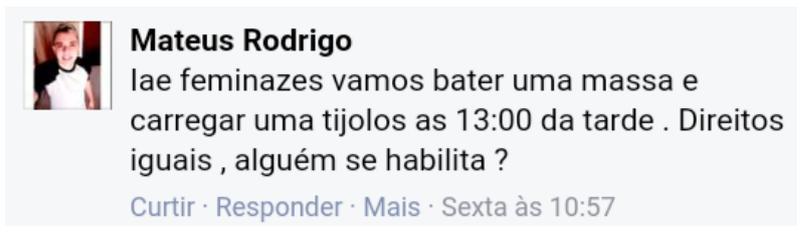


Imagem 8

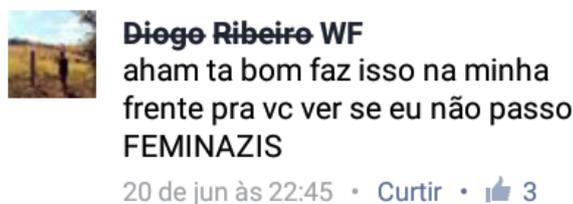


Imagem 9

A coleção de comentários levantados sobre feminismo por vezes é atravessada pelas outras categorias, como é possível ver a seguir quando esses homens se arriscam a afirmar o que deve ser ou o que não deve ser da alcunha do feminismo e ainda como as mulheres devem se comportar. As categorias de assepsia, violência e xingamentos vão articular uma rede de discursos que se retroalimentam no decorrer do debate, como pode ser observado na Imagem 10 onde, por vezes, um primeiro comentário vai acabar puxando um segundo e assim por diante:

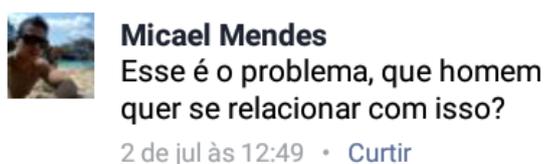
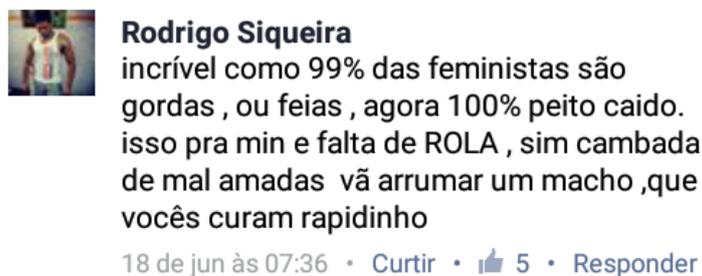


Imagem 10



Ainda no *Bloco do feminismo em questão*, para além da Imagem 11 carregar um viés de meritocracia ao pressupor que todas as pessoas possuem as mesmas condições de acesso a direitos, ela ainda se torna ainda mais problemática se analisada a justificativa pelo qual esse perfil considera ser uma “verdadeira mulher feminista”, que ironicamente será aquela que vai viver em prol de outra pessoa, de preferência de seu namorado. Em outras palavras, para esse perfil, o feminismo apenas será válido se a mulher puder ser explorada em prol de seus interesses individuais. Neste contexto, a formação do “outro” vai sempre acarretar num produto de relação de poder.

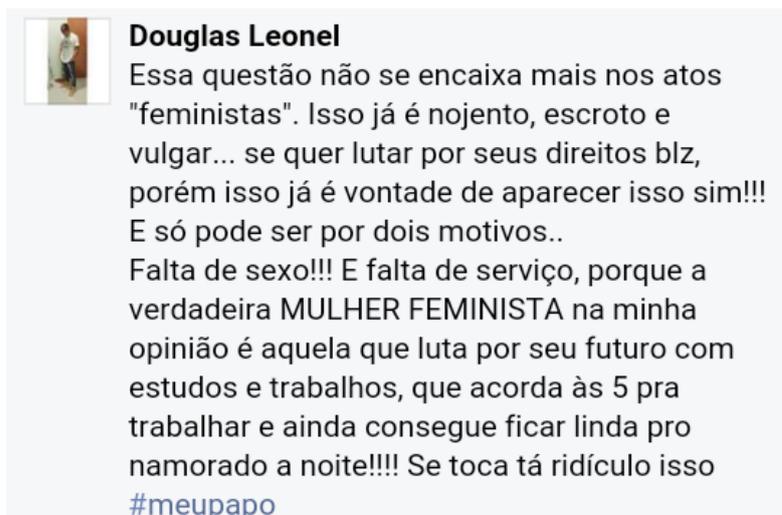


Imagem 11

vi) ~~Bloco da heterossexualidade compulsória~~ ou Um marido é tudo o que eu preciso

A leva de comentários do *Bloco heterossexualidade compulsória* levou o terceiro lugar do ranking nos dois blocos de gênero: tanto os homens (com 13,60%) quanto mulheres (com 14,45%) colecionam comentários que exemplificam muito bem como funciona a estrutura heteronormativa que, ao pressupor que a heterossexualidade seja aquela orientação sexual que regula todos os desejos, acaba por marginalizar, perseguir e excluir todas as expressões que não estão alinhadas com essa estrutura. Logo, procura-se formas de “cura” que vão desde a ideia de pertencimento de alguma doença até a necessidade do órgão genital masculino como forma de “correção”. Expressões como “falta de marido”, “falta de sexo” ou “falta de pênis” comumente surgem nesse bloco. Assim como aqueles que oferecem uma alusão sobre a estrutura de um possível “casamento mal-arranjado” como forma de explicar os *memes*:





Imagem 12



Imagem 13

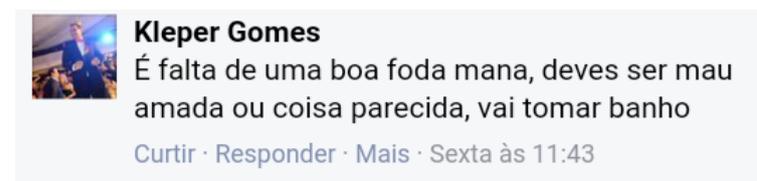


Imagem 14

Percebe-se que são falas que também estão atravessadas de pretensões assépticas ao inferir que a falta de uma “transa correta” acarretaria a permanência de um lugar da abjeção, da sujeira e da imundície. A necessidade do pênis aparece como forma de adequar e “limpar” esses corpos fora do padrão esperado por eles. O *queer* aqui pode ser acionado porque nos ajuda a pensar sobre indivíduos inadequados ao ideal normativo a partir de uma desconstrução das configurações de identidade de gênero e propostas de um pensamento abrangente, que desloca a análise relacional dicotômica de homem e mulher. “A abjeção de certos tipos de corpos, sua inaceitabilidade por códigos de inteligibilidade, manifesta-se em políticas e na política, e viver com um tal corpo no mundo é viver nas regiões sombrias da ontologia.” (BUTLER, 2002, p. 157)

É importante ressaltar que o discurso sobre uma suposta necessidade de um falo legitima os casos de “estupro corretivo” de mulheres lésbicas. Parte-se da lógica do ato sexual não consentido como meio que irá “curar” ou como castigo pela negação da feminilidade esperada dentro de uma sociedade heteronormativa. E, como se os fins justificassem os meios, não importa se é um ato de



violência ou não, pois o mais importante nesses casos é a manutenção da heterossexualidade compulsória e a eliminação da lesbianidade como possibilidade de existência.

vi) ~~Bloco dos pelos ou~~ Fórmulas para construção de um corpo colonizado

Já no ranking dos *Perfis socialmente reconhecidos como femininos*, os comentários sobre Pelos normalmente estão associados à sujeira e buscam reforçar o padrão da feminilidade a partir de uma perspectiva asséptica do corpo da mulher, ocupando assim quase metade dos comentários, cerca de 49%.

Nessas falas há uma associação direta entre pelo/sujeira/abjeção que reforça um ideário da inexistência dos pelos como algo relacionado à construção da feminilidade e do que se espera de uma “verdadeira mulher” que só assim será aceita na sociedade. Portanto, a criminalização dos corpos que decidem por manter seus pelos revela um embranquecimento e colonial asséptico da manutenção dos padrões de beleza.



Gabriella Santos Lopes

Um bando de mal amadas e digo isso pq são seres sem amor próprio, estão a cada dia que passa se tornando a escória da humanidade! Sinto uma tremenda vergonha alheia ao ver isso, pois sou mulher e no interesse de lutar por algum direito jamais denegriria a minha pessoa, a feminilidade de tal forma, chega dar nojo!

2 de jul às 22:15 • Curtir • Responder

Imagem 15



Lídia Fabiane Mendes

Isso é nojento, mulher tem que ser linda, delicada, cheirosa, depilada. Para termos nosso lugar na sociedade não precisamos descuidar da aparecia, podemos lutar pelos nosso espaço linda e de salto, estudando e trabalhando, e não assim, desfilando na rua onde tem criancinhas que devem está perguntando seus pais o que diabos é isso. #ridículo #desnecessário

Imagem 16

Resistente na existência, mudo todo asco voltado ao meu corpo e ser em poesia:



Pelos Pelos passeio por pássaros
Para perguntar: pra quê ‘proibir’?
Posso perceber pequenas psiquês piscantes provando puro pelo.
Peluda possibilidade perecível, pura pesquisa própria.

Peito, Pelos, partes... Perceba pelos panfletos: produzem pseudo-problemas..
Pelos próprios Pelos passei paquerando pedaços picantes.
Penetram peles, pinçam percepções
Poder pra paz plena.
Procrio Pelos perenemente.
Permanentemente peluda possivelmente pelada.
(BRITES, Mariana)

Poesia meu respiro, reinvenção de fatos e(m) mim.

vii) ~~Bloco dos violentos~~ ou Meu corpo é território político

É curioso como a cena de duas mulheres unidas pelos pelos pubianos, caminhando na cidade, causa tanto tremor e indignação ao ponto de mobilizar pessoas anônimas a se posicionar frente às imagens e assim propagá-la atrelada a um desejo tirano que as rodeia. A decisão pela manutenção dos pelos rompe um tabu: o da heterossexualidade hegemônica. Ao mesmo tempo em que também se reconfigura os locais de violência e da agressão contra as mulheres que não reproduzem essa feminilidade esperada, como pode ser observado nos comentários a seguir:



Hashiro Nakagashi

Porra isso não acontece cmg, a bica ia rolar na cara dessas chewbacca

22 de jun às 23:24 • Curtir

Imagem 17



Leonardo Schmith

Peço licença uma vez, na segunda acendo um isqueiro nessa porra, vai lamber fogo até o pentelho real (isso se o fogo tiver coragem de chegar perto)..

17 de jun às 21:35 • Curtir • 54 • Responder

Imagem 18





Iranlei Toscano

Jessicão, a feminista: um homem atear fogo nesses pelos, como forma de fazer o mundo aspirar o cheiro do empoderamento feminino, seria um ato de libertação da cultura machista e misógina?

18 de jun às 12:21 · Curtir · Responder

Imagem 19



Ladypunklove Ladypunk

ai que lindo ver as sapatonas retardadas com odio de homem e mulher, me faz um favor, corta seu clitoris e poe uma calda de algum animal no lugar.

Curtir · Responder · Mais · Sábado às 09:36

Imagem 20

A conhecida frase “lésbicas não são mulheres”, de Monique Wittig (1980, p.6), revela bem como a lesbianidade representa uma resistência às práticas e valores da supremacia masculina e como ela é vista como uma grave ameaça à masculinidade hegemônica. A expressão foi cunhada em meados da terceira onda feminista, entre 1970 e 1980, quando houve o questionamento da naturalização da maternidade e a crítica da heterossexualidade como regime político e como base da opressão de todas as mulheres.

Wittig se baseia no princípio de que a heterossexualidade não é natural, mas sim uma ideologia programa na opressão das mulheres que reforça os mecanismos de ajuste para adequação das normas sociais. “*Parecía ser algo incuestionable. Y entonces esta afirmación, «las lesbianas no son mujeres», vino a trastornar completamente todo el movimiento, teórica y politicamente»* (WITTIG, 1980, p.10). Assim, conseqüentemente, ela situa a lesbianidade como uma experiência para além das categorias homem e mulher e de uma prática sexual.

Sobre isso, Jules Falquet afirma que outra contribuição das lésbicas foi a desnaturalização do senso comum sobre a sexualidade, os gêneros e sobretudo os sexos. Pois, se

as mulheres e os homens são categorias políticas que não podem existir uma sem a outra, as lésbicas, ao “escaparem ou se recusarem a se tornar ou permanecerem heterossexuais”, ao colocarem em causa esta relação social, a heterossexualidade, questionam a própria existência das mulheres e dos homens. (FALQUET, 2012, p.21)



Compreende-se, portanto, que a heterossexualidade não é natural, mas sim uma ideologia baseada na opressão das mulheres. Isso quer dizer que, como as lésbicas não estão inseridas dentro das relações heterossexuais, logo escapam da norma e são apontadas como uma posição estratégica para se eliminar esse sistema que reforça a construção social e histórica da categoria "mulher", constantemente tomada por um conjunto de regras e imaginários. No entanto, a autora ainda alerta que “para existir, as lésbicas devem travar uma luta política de vida ou morte em prol do desaparecimento das mulheres como classe para destruir o “mito da Mulher” e para abolir a heterossexualidade:

ix) Conclusão ou O fim não é o fim

Fazemos das palavras de Jota Mombaça as nossas quando diz que: “andar pelas ruas pode ser um evento difícil quando suas roupas são consideradas 'inapropriadas' e sua presença mesma é lida como ofensiva apenas pelo modo como você age e aparenta”. Durante os dias que antecederam a finalização do presente artigo, as leituras dos comentários começaram a ficar mais constante e isso foi nos aproximando da possibilidade da violência de forma real: do virtual para as ruas. Os olhares para nossos corpos, nossas pernas cabeludas, a forma como estranhavam o suvaco em pelos deixou de ser defesa. E se tornou exposição porque meu corpo é território de combate.

Por isso nos propomos a escrever sobre nossas dores e amores e mostrar como a politização do relacionamento entre mulheres, em paralelo ao sentimento partilhado com a opressão, é um ato revolucionário que por si só propõe desmontes. A ação de *Pelos pelos* reverberou tantos discursos de ódio que demonstra um incômodo diante de mulheres que não se submetem às normas heterossexuais de estética, modos de vida e relações sexuais-afetivas. No conjunto de pertencimento à classe dos homens, as lésbicas estão bem distantes de pertencer à fábrica de mulheres e isso parece incomodar muitas pessoas. Entoa-se uma ditadura da exclusão dos pelos, manutenção da hetenormatividade e do controle dos corpos. A velha tônica de autonomia e decisão sobre a própria condução da vida parece vagar bem distante dessas pessoas.

Três anos é um tempo expressivo, em porcentagem com a média aproximada de nossas idades equivale a 3%. Como estamos e quanto já nos construímos e desconstruímos até encontrar com um novo ataque virtual? O tempo muda. Mas, ao mesmo tempo, a fixidez do suporte fotográfico e a rapidez da velocidade dos compartilhamentos digitais geram um nomadismo da imagem. Essa, muitas vezes, já não possui dados sobre a ação ou suas feitoras, nem nenhum outro



tipo de informação real a ela vinculada. Dessa vez, resolvemos nos ater na potência da violência explícita nos comentários online para buscar questões estruturais do machismo cotidiano. Vivemos o percurso do registro, não se sabe quem foi nem onde está. Mas ao vermos tantos comentários voltados a nós (e ao que representamos) sabemos exatamente a quem a dor é destinada.

Ao manusear os comentários, esses acessos de ódio, gordofobia e lesbofobia, nós também nos reabrimos. Tiramos a casquinha da ferida com cuidado, contribuindo para uma cicatriz mais profunda. Dentro do músculo que cá tudo sente: ficamos pequenas. Arranquei a pele para ver melhor a marca, a forma, a textura. Cicatrizes existem em corpos. Esse texto é um contra-ataque.

Referências

- BASTOS BACELLAR, CAMILA . Performance e feminismos: diálogos para habitar o corpo-encruzilhada. *Urdimento* (UDESC) v. 2, p. 62-77, 2016.
- BENTO, Berenice. A (re)construção da identidade masculina. Florianópolis, *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, Ed. UFSC, n.26, p. 33-50, out. de 1999.
- COSTA, A. M.. Mujeres creando e loucas de Pedra Lilás: experiência de direito ao corpo e direito à cidade. *Revista Lugar Comum*, Rio de Janeiro, 01 nov. 2015.
- COSTA, A. M.; BRITES, M. R. S. S. Falta de vergonha na cara: relato de experiência da performance Pelos pelos. In: *IV Seminário Enlaçando Sexualidades*, 2015, Salvador. Enlace 22: Sexualidades contemporâneas nas artes, nas mídias e nas militâncias: experiências e desafios, 2015.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Tradução por Felipe Bruno Martins Fernandes. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis , v. 21, n. 1, p.241-282, abr. 2013.
- FALQUET, Jules. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. *Cadernos de Crítica Feminista*, Recife, ano VI, n. 5, P. 8-31, dez. 2012. Disponível em: <<https://julesfalquet.files.wordpress.com/2010/05/art-port-romper-o-tabu-da-heterossexualidade.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 17.
- OU VAI OU RACHA, Fanzine, Recife, Pernambuco, 2014. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/355066/Zine+2014+NAOINTERCALADO.pdf> Acesso em: 05 mar. 17
- IPÓLITO, Jessica. Blog gorda e sapatão: racismo, lesbianidade, sexualidade, feminismo e bodypositive. Disponível em: <http://gordaesapatao.com.br/a-gorda-que-se-acha-gostosa>. Acesso em: 05 mar. 17
- MEDEIROS, Maria Beatriz de. Presença e organicidade: corpos informáticos, performance, trabalhos em grupo e outros conceitos. *Revista do Lume*, Campinas, v. 4, p.1-12, 15 Não é um mês valido! 2013. Disponível em: <<http://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/viewFile/277/257>>. Acesso em: 05 mar. 17.
- MISSOGINA. *La cerda punk*. Ensayos desde un feminismo gordo, lésbiko, antikapitalista y antiespecista. Valparaíso: Trio Editorial, 2014.
- MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência. Publicação comissionada pela Fundação Bienal de São Paulo em ocasião da 32ª Bienal de São Paulo - *Incerteza Viva*, 2016.



OU VAI OU RACHA, *Fanzine*, Recife, Pernambuco, 2014. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/355066/Zine+2014+NAOINTERCALADO.pdf> Acesso em: 05 mar. 17

PRINS, BAUKJE and MEIJER, IRENE COSTERA. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2002, vol.10, n.1 [cited 2017-05-05], pp.155-167

SEGURADO, R. Por uma estética da reexistência na relação entre arte e política. In: CHAIA, M. (Org.). *Arte e política*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007. p. 41-58.

SEMÍRAMIS, Cynthia. Blog História dos Direitos das Mulheres [Internet]. [Citado em 07 de dezembro de 2010]. Disponível em: <https://cynthiasemiramis.org/2010/12/07/feminazi-ignorancia-conservadorismo>

Acesso em: 05 mar. 17

WITTIG, Monique. El pensamiento heterosexual [1978]. In: *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Tradução de Javier Sáez y Paco Vidarte. Madrid: Egales: 2005, p. 45-57.

